



Sidney Chalhoub, **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Estudos de teóricos querem dar sentido histórico à obra do escritor

Desvendar o bruxo

Sidney Chalhoub fala em entrevista, realizada por *e-mail* para o Historiador Eletrônico, sobre seu novo trabalho Machado de Assis Historiador, publicado pela Companhia das Letras.

por Antonio Durán Jr.

Historiador Eletrônico - Podemos dizer que sua interpretação da obra de Machado de Assis é ousada e mexe bastante com interpretações sedimentadas na historiografia brasileira, em especial no que diz respeito à relação entre senhores e seus escravos e dependentes. Como seu trabalho foi recebido?

Sidney Chalhoub - O projeto que deu origem ao livro tinha como preocupação central fazer o exercício de reler a literatura brasileira do século XIX, especialmente a do Machado, levando em consideração a produção historiográfica recente sobre o período imperial. De fato, se pensarmos no que ocorreu com a historiografia brasileira sobre a escravidão nos últimos 15 ou 20 anos, por exemplo, constatamos que mudou muita coisa. Hoje sabemos equilibrar melhor a constatação da violência do sistema escravista com a análise dos modos de atuar dos escravos para lidar com a opressão e a exploração cotidiana a que estavam submetidos.

Esta corrente historiográfica, ao repensar o problema do trabalhador escravo, enfrentou as incompreensões de costume. Afinal, combateu o que chamo, inspirado em Thompson, de "paradigma da ausência", isto é, a idéia de que luta e resistência de trabalhadores no Brasil, cultura e experiência de classe por aqui, só existiriam a partir da emergência do movimento operário na Primeira República (movimento, aliás, supostamente monopolizado por imigrantes europeus e inspirado em ideologias importadas). Premissa equivocada do ponto de vista histórico e corolária de uma ideologia racial destinada a "embranquecer" a história do país.

O exercício favorito da historiografia anterior à renovação do tema da escravidão era comparar a situação no Brasil do século XIX com a Europa no mesmo período, para concluir que lá, sim, havia movimento operário, consciência de classe e todo o resto. Aqui só "ausência", escravo-coisa e baboseiras do gênero, em geral, defendidas com muita fantasia teórica e profunda ignorância do que há nos arquivos brasileiros sobre a experiência dos escravos na escravidão. Faziam assim tábuas rasas da luta dos trabalhadores escravos pela liberdade, talvez o aspecto mais determinante da história brasileira do Oitocentos.

Minha suspeita era de que a releitura da literatura brasileira do XIX a partir da ótica da história social, ou seja, informada pelo que se sabe hoje em dia a respeito das relações sociais no Império, levantaria novos problemas e interpretações a respeito de textos clássicos, sempre relidos porque não cessam de surpreender.

Para resumir, não vejo novidade historiográfica nenhuma no meu livro sobre Machado. Baseia-se naquilo que os historiadores sociais brasileiros têm escrito há cerca de 20 anos. Mas o "paradigma da ausência" continua por aí, aperfeiçoou-se, virou aquilo que chamo, jocosamente, de "relativismo pós-moderno radical chic". Poderia haver polêmica.

HE - Machado de Assis foi bastante sensível às mudanças ocorridas no país durante a segunda metade do século XIX, em especial depois de 1871. Estas mudanças refletiram diretamente em seus

textos, notadamente em suas personagens, como por exemplo, Brás Cubas. Até que ponto este reflexo foi intencional e até que ponto eles foram acidentais dentro da obra do bruxo?

SC - Ao lidar com qualquer testemunho histórico, é fundamental investigar as intenções do sujeito. Fiz o que pude para descobrir, sempre que possível, as intenções de Machado ao escrever cada texto, cada linha dentro de cada texto. Às vezes passei muito tempo debruçado sobre certas palavras, tentando entender o motivo da escolha desta ou daquela palavra. Não me arrependo de um minuto sequer despendido em tais exercícios, não importa o que digam os "teóricos" do dia.

Num romance como as "Memórias Póstumas", por exemplo, há uma obsessão impressionante de Machado em espalhar alusões históricas pelo romance, como John Gledson e Roberto Schwarz já demonstraram muito antes de mim. Além disso, Machado tinha em mente um público leitor variado, sabia que escrevia para pessoas que teriam entendimentos diferentes do que leriam. Mais do que isto, sabia que certas situações e alegorias seriam entendidas segundo as experiências sociais dos leitores. Ele sabia, por exemplo, que seria lido por gente como Helena e Capitu, assim como por gente como Estácio e Brás Cubas. Machado tinha muita experiência com as leitoras. Escreveu para elas, em revistas ditas femininas, boa parte de sua vida.

Agora, é óbvio que nenhum texto se esgota na intenção dos autores. Primeiro, porque aprendemos muita coisa sobre outros tempos e sociedades ao observar aquilo que o autor não tem a mais leve intenção de informar. São coisas óbvias demais para os contemporâneos, referidas às vezes no caminho para algo percebido como mais importante ou decisivo.

Segundo, porque nenhum autor, rigorosamente, "controla" o seu texto. Ele não domina todos os sentidos do seu texto. Alguns desses sentidos são possíveis na lógica do próprio autor, mas ele não conseguiu enunciá-los. A possibilidade de determinada leitura estava lá, e o autor pode percebê-la a posteriori, quando alguém lhe descreve a experiência de ler o seu próprio texto.

"Ah, sim, o que escrevi pode ser entendido assim!". Outras vezes, é óbvio, o autor não se identifica nem um pouco com o que dizem que ele disse, e ainda assim a leitura indesejada não será necessariamente uma impostura (mas pode ser isto também). Para resumir, a leitura é um ato político; não "fecha" o sentido do texto, mas investe na indeterminação do futuro. Dito isto, que fique claro que não estou querendo dizer que, se a leitura é ato político, indeterminado, qualquer leitura de um texto é válida e possível. Bobagem. Há leituras falsas, às vezes involuntariamente falsas; outras são simples imposturas, com o intuito servil de patrocinar esta ou aquela causa política.

Enfim, ao lidar com a questão da intencionalidade ou não dos textos machadianos, não há resposta pronta para coisa alguma. Há sempre a presença de intenção e "estrutura", por assim dizer, em cada texto, e o desafio é dar uma resposta o mais empírica, o mais demonstrável que parecer possível para cada caso. Se alguém achar que o argumento do meu "Machado" está equivocado, que demonstre o erro. Não me venham com clichês como este de dizer que ver sentido histórico na literatura é "reduccionismo". Se houver preguiça de argumentar com demonstração, outro ofício. O nosso, de historiador, não é para amadores.

HE - No seu modo de ver, dependentes e escravos possuíam formas de interagir com os senhores com o intuito de conseguir aquilo que queriam, manipulando o discurso e a comunicação. Isto é válido para o ambiente urbano acredito. Mas a questão é outra: não parece meio ingênuo acreditar que os senhores deixavam-se levar sem se dar conta que estavam sendo manipulados? Devemos entender esta sua interpretação como uma crítica machadiana à sociedade da época ou como uma

realidade das relações dependentes e senhores? Se não for nenhuma das duas como entender então?

SC - O problema que você levanta é pertinente, em alguma medida. De fato, como sou formado na escola marxista da história social, tenho a tendência de buscar prioritariamente a experiência e modos de atuação dos dependentes, escravos, trabalhadores, ou seja, lá o termo mais apropriado para descrever a classe dos produtores diretos, a classe dos que estão submetidos à exploração do trabalho numa sociedade organizada para reproduzir as desigualdades sociais ao longo do tempo.

No caso deste livro, confesso que tentei equilibrar as cousas, mostrar que tenho aprendido com a experiência. O livro está carregado de "maquinações" senhoriais, de violência senhorial. Ao perceber-se desafiado, Estácio reagiu com violência, e o que ele fez está lá no livro. Brás manipula outras pessoas o tempo inteiro: dona Plácida, Lobo Neves, Virgília. Não deixei de descrever tais manipulações. Dom Casmurro é intencionalidade pura. Também constatei isto. Na segunda parte do livro, vamos aos bastidores do poder imperial, na rotina política de ministérios e do Conselho de Estado. Ao ler alguns pareceres do Conselho de Estado, por exemplo, temos acesso ao "plano" de criar um Estado deliberadamente insensível ao problema racial. Enfim, acho que fiz algo nesta parte também. Mas você é um leitor atento, e terá percebido que me divirto mais ao descobrir que Machado fez com que Brás Cubas fizesse papel de trouxa exatamente quando se imaginava o "bam-bam-bã" do pedaço. Veja, por exemplo, o capítulo LXXVII das "Memórias póstumas".

HE - Seu livro propõe uma aproximação da história com a teoria literária, rumo que a historiografia vem tomando desde a aproximação com a escola americana. Como esta nova metodologia de pesquisa pode mudar as interpretações históricas? Entraremos num período revisionista?

SC - Não tive em mente tal aproximação. Sou historiador social. Escrevi um livro sobre Machado de Assis na perspectiva da história social. Para um historiador social, interpretar literatura não é um exercício fundamentalmente diferente de interpretar qualquer outro testemunho histórico, de uma ata de reunião de sociedade de trabalhadores até o texto de uma lei, por exemplo, e todo o resto que fica no meio do caminho.

Há uma pauta de perguntas que precisam ser respondidas, e cujas respostas, sempre complexas, são também historicamente específicas.

* Publicado em Historiador Eletrônico <http://www.historiadoreletronico.com.br/> em 14/03/2004.